

**QUERIDO
EDWARD**

**ANN
NAPOLITANO**

QUERIDO EDWARD

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

**PA
RA
L
E**

Copyright © 2020 by Ann Napolitano

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Trechos significativos das cenas na cabine do piloto nas páginas 243-87 são uma citação literal do artigo "What Really Happened Aboard Air France 447", de Jeff Wise, publicado em 2011 na revista Popular Mechanics, reproduzidos aqui com a permissão do autor e da Hearst Magazine Media, Inc.

TÍTULO ORIGINAL Dear Edward

CAPA Sandra Chiu

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Romy Blümel

PREPARAÇÃO Cristina Yamazaki

REVISÃO Marise Leal e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Napolitano, Ann

Querido Edward / Ann Napolitano ; tradução Lígia Azevedo. – 1ª ed.
– São Paulo : Paralela, 2020.

Título original: Dear Edward.
ISBN 978-85-8439-191-2

1. Ficção norte-americana. I. Título.

20-36063

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção - Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Para Dan Wilde, por tudo

1

*Dado que a morte é certa,
mas o momento da morte é incerto,
o que é mais importante?*

PEMA CHÖDRÖN

12 de junho de 2013

7h45

O aeroporto de Newark parece novinho em folha depois de uma reforma. Ao longo de todas as curvas da fila para passar pelo controle de segurança há vasos de plantas, assim os passageiros não se dão conta de quanto tempo vão ter que esperar. As pessoas se apoiam nas paredes ou se sentam sobre as malas. Todas acordaram antes do amanhecer. Dão longos e fortes suspiros, mortas de exaustão.

Quando chega a vez da família Adler, todos colocam seus computadores e sapatos nas bandejas. Bruce Adler tira o cinto, o enrola e o encaixa direitinho ao lado dos mocassins marrons na caixa de plástico cinza. Os filhos não são tão cuidadosos e jogam os tênis por cima dos laptops e das carteiras. Os cadarços pendem para fora da bandeja compartilhada pela família, e Bruce não deixa de ajustá-los para dentro.

A grande placa retangular ao lado deles indica: *Todos os celulares, carteiras, chaves, joias, aparelhos eletrônicos, computadores, tablets, objetos metálicos, sapatos, cintos e alimentos devem ser colocados nas bandejas de segurança. Todos os objetos proibidos e bebidas devem ser descartados.*

Bruce e Jane Adler estão ao lado do filho Eddie, de doze anos, cada um de um lado, conforme se aproximam do escâner corporal. O filho de quinze anos, Jordan, espera os dois passarem primeiro.

Jordan diz ao agente de segurança que controla a máquina: “Me recuso”.

O agente olha para ele. “O que você disse?”

O menino enfia as mãos nos bolsos e responde: “Me recuso a passar pelo aparelho”.

O agente grita, aparentemente sem um interlocutor em especial: “Temos uma recusa masculina!”.

“Jordan”, o pai chama, do outro lado do aparelho. “O que está fazendo?”

O menino dá de ombros. “É um retrodifusor de corpo inteiro, pai. O escâner corporal mais perigoso e menos efetivo do mercado. Li a respeito, e não vou passar por ele.”

Bruce, que está a dez metros de distância e sabe que não vão deixar que volte para ficar com o filho, fica em silêncio. Não quer que Jordan diga nem uma palavra mais.

“Dê um passo para o lado, garoto”, o agente orienta. “Você está segurando a fila.”

Depois que o menino obedece, o agente diz: “Olha, é muito mais fácil e agradável passar pela máquina que deixar aquele cara ali te revistar. A revista manual é *bem* completa, entende?”

O menino tira o cabelo da testa. Cresceu quinze centímetros no último ano, e é um palito. Como a mãe e o irmão, tem um cabelo enrolado que cresce tão rápido que é impossível mantê-lo sob controle. O cabelo do pai é curto e branco. Ficou assim quando Bruce tinha vinte e sete, ano em que Jordan nasceu. Bruce gosta de apontar para a própria cabeça e dizer ao filho: *Olha o que você fez comigo*. Agora, o menino sabe que o pai o observa atentamente, como se tentasse lhe transmitir um pouco de bom senso.

Jordan diz: “Não vou passar por essa máquina por quatro motivos. Quer saber quais são?”

O agente parece achar graça. Não é o único prestando atenção no menino agora; todos os passageiros em volta estão ouvindo.

“Ah, meu Deus”, Bruce solta, baixo.

Eddie Adler pega a mão da mãe pela primeira vez em pelo menos um ano. Ver os pais preparando aquela mudança de Nova York para Los Angeles — no Grande Levante, como o pai chamava — lhe dera frio na barriga. Agora, Eddie sente o intestino se contorcendo, e se pergunta se há um banheiro por perto. “Devíamos ter ficado com ele”, comenta.

“Vai ficar tudo bem”, Jane diz a si mesma tanto quanto ao filho. O olhar do marido continua fixo em Jordan, mas ela não suporta olhar.

Em vez disso, foca no prazer tátil da mão do outro filho na dela. Estava com saudade disso. *Resolveríamos tanta coisa se simplesmente ficássemos mais de mãos dadas*, ela pensa.

O agente de segurança abre o peito. “Manda, garoto.”

Jordan ergue os dedos, pronto para contar: “Primeiro: prefiro limitar minha exposição à radiação. Segundo: não acredito que essa tecnologia impeça o terrorismo. Terceiro: acho nojento que o governo queira tirar fotos do meu pinto. E quarto...”. Respira fundo. “Acho que a pose que a pessoa é forçada a fazer dentro da máquina, com as mãos para cima, como se estivesse sendo assaltada, tem a intenção de fazer com que se sinta impotente e diminuída.”

O agente de segurança não está mais sorrindo. Ele olha em volta. Não sabe dizer se o menino está tirando sarro dele ou não.

Crispin Cox está ali perto, parado em sua cadeira de rodas, esperando que agentes verifiquem se não há explosivos nela. É idoso e não se conforma com aquele procedimento. Procurar explosivos na cadeira de rodas! Se tivesse ar de sobra nos pulmões, não deixaria. Quem esses idiotas pensam que são? Quem acham que ele é? Já não é horrível estar numa cadeira de rodas e ter que viajar com uma enfermeira? “Ánda logo com a porcaria da revista do menino”, Crispin reclama.

Faz décadas que ele faz exigências, e quase nunca o desobedece. Seu tom de voz acaba com a indecisão do agente, de forma tão definitiva quanto a mão de um carateca faixa preta quebrando uma tábua de madeira. O agente aponta na direção de um colega, que manda Jordan abrir as pernas e os braços. A família do menino acompanha horrorizada o homem passar as mãos de forma rude entre as pernas dele.

“Quantos anos você tem?”, o agente pergunta, parando por um momento para ajustar as luvas de borracha.

“Quinze.”

Ele faz uma cara azeda. “É difícil adolescentes pedirem revista manual.”

“E quem pede?”

“Principalmente hippies.” Ele pensa por um momento. “Ou quem já foi hippie.”

Jordan precisa forçar o corpo a se manter imóvel. O agente está verificando o cós do jeans, e faz cócegas. “Talvez eu vire hippie quando crescer.”

“Acabei, garoto”, o homem diz. “Cai fora daqui.”

Jordan está sorrindo quando se junta à família. Ele pega seus tênis com o irmão. “Vamos”, Jordan diz. “Não queremos perder o voo.”

“Falamos sobre isso depois”, Bruce retruca.

Os dois meninos abrem caminho pelo corredor. Pelas janelas, veem à distância os arranha-céus da cidade de Nova York — montanhas de aço e vidro feitas pelos homens, rasgando o céu azul. É inevitável para Jane e Bruce procurar o ponto em que as Torres Gêmeas costumavam ficar, assim como a língua procura o buraco de um dente arrancado. Os filhos, que eram bebês quando as torres caíram, aceitam o panorama da cidade assim como ele é agora.

“Eddie”, Jordan chama o irmão, e os meninos trocam um olhar.

Os dois são capazes de ler o rosto um do outro sem se esforçar; seus pais às vezes ficam perplexos ao descobrir que Jordan e Eddie tiveram uma conversa completa e chegaram a uma decisão sem dizer uma palavra. Eles sempre operaram como uma unidade e sempre fizeram tudo juntos. No último ano, entretanto, Jordan vem se afastando. O modo como acabou de falar o nome do irmão significa: *Ainda estou aqui. Sempre vou voltar.*

Eddie dá um soquinho no braço do irmão e sai correndo na frente.

Jane caminha com delicadeza. A mão que seu filho mais novo soltou está formigando.

No portão, eles ainda precisam esperar mais um pouco. Linda Stollen, uma jovem vestida toda de branco, corre para a farmácia. As palmas de suas mãos estão suadas, seu coração bate forte, como se quisesse saltar do peito. Seu voo viera de Chicago à meia-noite, e ela tinha ficado por horas no banco, tentando cochilar na vertical, com a bolsa agarrada ao peito. Comprara a passagem mais barata possível — o que explicava a escala em Newark —, e dissera ao pai no caminho para o aeroporto que nunca mais pediria dinheiro a ele.

O homem gargalhara, até dera um tapa no próprio joelho, como se ela tivesse contado a piada mais engraçada que ele já ouvira. Mas ela falava sério. Neste momento, Linda sabe duas coisas: um, nunca mais vai voltar a Indiana; dois, nunca mais vai pedir nada ao pai e à terceira esposa dele.

Essa é a segunda visita à farmácia que faz em vinte e quatro horas. Linda revira a bolsa e encontra a embalagem do teste de gravidez que comprara em South Bend. Dessa vez, escolhe uma revista de celebridades, um pacote de chocolate e uma soda diet, então vai para o caixa.

Crispin Cox ronca na cadeira de rodas, seu corpo um origami descarnado de pele e ossos. De vez em quando, seus dedos tremulam, como passarinhos tentando alçar voo. A enfermeira, uma mulher de meia-idade com sobrancelhas volumosas, lixa as unhas num assento próximo.

Jane e Bruce estão sentados lado a lado nas cadeiras azuis do aeroporto, discutindo, embora ninguém por perto desconfie disso. O rosto deles permanece impassível, a voz se mantém baixa. Os filhos chamam esse estilo de briga parental de “4 na Escala Richter”, e não se preocupam com ele. Os pais discutem, mas é mais uma forma de comunicação que um combate. Estão se esforçando, não atacando.

Bruce diz: “Foi uma situação perigosa”.

Jane balança a cabeça de leve. “Jordan é uma criança, não fariam nada com ele. E estava exercendo um direito.”

“Você está sendo ingênua. Ele falou demais, e neste país isso nunca é bem-visto, não importa o que a Constituição diga.”

“Foi você que o ensinou a se defender.”

Ele franze os lábios. Quer retrucar, mas não pode. Os meninos estudam em casa, e Bruce sempre enfatizou o pensamento crítico no currículo deles. Lembra de uma discussão recente sobre a importância de não seguir cegamente as regras. *Questionem tudo*, ele disse. *Tudo*. O próprio Bruce passara semanas obcecado com a idiotice dos fanfarrões de Colúmbia, que lhe negaram estabilidade no cargo só porque ele não ia aos coquetéis organizados pela universidade. Perguntara ao chefe de departamento: *O que discussões embriagadas têm a ver com matemática?* Ele quer que seus filhos questionem fanfarrões também, mas não ainda. Devia ter feito uma

ligeira modificação e dito: *Questionem tudo depois que forem crescidos, estiverem em plena posse de seus poderes e não morarem mais com a gente, assim não vou ter que ver e me preocupar.*

“Olha aquela mulher ali”, Jane comenta. “Tem sinos costurados na barra da saia. Dá para imaginar usar algo que tilinta toda vez que você se mexe?” Balança a cabeça com um gesto que pretende ser escárnio, mas na verdade se mostra como admiração. Jane se imagina caminhando em meio ao som daqueles sininhos. Fazendo música e chamando a atenção, a cada passo. A ideia a faz corar. Ela usa jeans com algo que gosta de pensar como sua “malha de escrever”. Vestiu-se pela manhã pensando em conforto. Aquela mulher tinha se vestido pensando em quê?

O medo e o constrangimento que tomaram conta do corpo de Bruce quando estavam no controle de segurança começam a se dissipar. Ele esfrega as têmporas e faz uma prece judaica-ateísta em gratidão pelo fato de não ter dado início a uma daquelas dores de cabeça que fazem os vinte e dois ossos de seu crânio latejar. Quando o médico perguntou se ele sabia qual era o gatilho das enxaquecas, Bruce riu. A resposta era óbvia: seus filhos. A paternidade, para ele, é um susto depois do outro. Quando os meninos ainda eram bebês, Jane costumava dizer que Bruce os carregava como se fossem granadas vivas. Para ele, eram mesmo, e continuam sendo. O principal motivo que o fez concordar em se mudar para Los Angeles é o fato de o estúdio ter alugado uma casa com jardim para eles. Bruce planeja manter suas granadas dentro daquele espaço delimitado; se quiserem ir a algum lugar vão precisar que ele os leve de carro. Em Nova York, podiam simplesmente entrar no elevador e ir embora.

Bruce dá uma olhada para eles. Estão lendo do outro lado, num leve ato de independência. O mais novo olha de volta ao mesmo tempo. Eddie também vive preocupado. Eles trocam olhares, duas versões diferentes do mesmo rosto. Bruce força um sorriso largo, para tentar conseguir outro do filho. De repente, sente necessidade de ver o menino feliz.

A mulher com a saia barulhenta passa entre pai e filho, cortando a ligação. Os sinos tilintam a cada passo. Ela é alta, uma filipina de constituição sólida. Pequenas missangas decoram seu cabelo es-

curo. A mulher canta baixo. As palavras saem fracas, mas ela as joga pela sala de espera como pétalas: *glória, graça, aleluia, amor*.

Um homem negro de uniforme do Exército está em pé perto da janela, de costas para a sala. Tem quase dois metros e é tão largo quanto um armário. Benjamin Stillman ocupa todo o espaço mesmo quando há espaço de sobra. Está ouvindo a mulher cantar; a voz dela o faz lembrar da avó dele. Benjamin sabe que, como o escâner corporal, o olhar da avó vai atravessá-lo no minuto em que se encontrarem no aeroporto de Los Angeles. Ela vai ver o que aconteceu durante a briga com Gavin; vai ver a bala que entrou pela lateral de seu corpo duas semanas depois, e a bolsa de colostomia ali. Na frente dela, tudo vai se revelar — ainda que Benjamin seja treinado em subterfúgios e tenha passado a vida toda escondendo a verdade de todos, inclusive de si mesmo. Mas, agora, ele encontra paz nos fragmentos da música.

Uma funcionária da companhia aérea vai até a extremidade da área de espera com um microfone. Ela fica em pé, com os quadris pendendo para um lado. O uniforme não chega a parecer nem largo nem apertado demais nos outros funcionários, mas nela parece feito sob medida. Seu cabelo está preso num coque, e ela usa batom vermelho brilhante.

Mark Lassoio, que estava mandando instruções via mensagens para o sócio, levanta o rosto. Tem trinta e dois anos e já escreveram dois perfis a seu respeito na revista *Forbes* nos últimos três anos. Tem queixo proeminente, cabelo curto penteado com gel e olhos azuis que dominam a arte de encarar. Usa terno cinza-fosco, uma cor que parece ao mesmo tempo cara e discreta. Mark avalia a mulher e sente que seu cérebro começa a girar como pedais, movido pelos vários uísques *sour* da noite passada. Ele se endireita na cadeira e foca toda a atenção nela.

“Senhoras e senhores”, a mulher começa, “bem-vindos ao voo 2977 com destino a Los Angeles. Vamos iniciar o embarque.”

O avião é um Airbus A321, uma baleia branca com uma faixa azul na lateral. Tem cento e oitenta e sete assentos para passageiros, com um corredor central. Na primeira classe, há duas poltronas es-